2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 8. QUINTA FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 1851. **11. ANNO.**

ANNUNCIO.

A commissão creada por decreto de 12 do corrente mez de setembro, para promover promptos soccorros aos infelizes habitantes das ilhas de Cabo Verde, e composta dos Srs. Barão de Lazarim, Marquez de Vallada, Antonio Joaquim de Oliveira, João Antonio Leite, Joaquim Pereira da Costa, Manuel Gomes da Costa S. Romão e Thomaz de Mello Breyner, participa que se acha installada, sendo seu presidente o Exm.º Sr. Barão de Lazarim, secretario o Exm.º Sr. Marquez de Vallada, e Thesoureiro o Illm.º Sr. S. Romão.

A Commissão desejosa de corresponder á confiança que Sua Magestade em seus membros depositou, resolvida a empregar todos os meios ao seu alcance para levar a effeito os auxilios de que com urgencia carecem nossos compatriotas, hoje em lucta com os horrores da fome, desde já convida não só os habitantes desta Capital, mas tambem de todo o reino, para que cada um concorra com o que poder, a fim de quanto antes exportarem os auxilios pedidos, e espera que a sorte daquelles desgraçados em breve melhorará, porque conta que a portuguezes nunca se recorre em vão.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O ELECTRO-MAGNETISMO ASSOCIADO AO VAPOR NOS CAMINHOS DE FERRO.

Falla-se muito n'um descobrimento a que parece estar reservado brilhante porvir, e que foi objecto de uma nota communicada á Academia das Sciencias de Paris, em 5 de Maio de 1851. Este descobrimento (diz M. Victor Meunier) deu motivo a uma serie de experiencias a que assistimos, e como o facto é de interesse geral procuraremos expol-o claramente e ao alcance de todos.

Então de que se tracta? De uma coisa que ha de parecer bem insignificante! Tracta-se simplesmente de um meio novo para fazer adherir as rodas das locomotivas aos *rails* (especie de calhas) sobre que rodam. — « Visto isso, não é nada com nosco » — dirão os que se presumem interessados no movimento das sciencias só nos dias em que estas lhes appresentam o espectaculo de grandes effeitos theatraes. —Desculpem-me os senhores; mas essa coisa tão pequena é importante para todos. Eis o que terá logar, assim que a solução proposta fôr reconhecida valiosa; — as despezas de *exploração* ou costeio dos caminhos de ferro em circulação serão reduzidas: as despezas de *estabelecimento* ou construcção dos que se estão fazendo, serão infinitamente menores do que até agora; por consequencia o preço dos transportes diminuirá. Além disso tornam-se accessiveis ás locomotivas regiões que em rasão do terreno mui accidentado parecia deverem ser privadas para sempre de caminhos de ferro. Por tanto, a vida e o movimento por preços mais baratos, dilatado o campo da civilisação, um espaço sempre crescente condensado em tempo cada vez menor; eis as vantagens de que vem recheada esta pequena innovação!

Com effeito, quem não percebe que se fôr diminuido o numero das obras d'arte, dos *tunnels* (ou perforações das montanhas) dos cortes, etc., necessarios na construcção dos caminhos de ferro; se se fizerem notaveis economias da materia primeira, por exemplo diminuindo o peso dos rails; se forem restrictas de um modo assaz consideravel as despezas de conservação do caminho, enfraquecendo a força dos agentes que o deterioram; quem não comprehende, digo, que a somma destas innovações constituirá um immenso progresso? Quem não admittirá que na sua realisação é interessado o genero humano?

Ora, para que se realise ha um obstaculo principal: e sabeis qual é? Existe sobre tudo, para não dizer unicamente, no modo actual de adherencia das rodas motrizes das locomotivas com os rails. E' principalmente este modo de adherencia que faz tão dispendiosos os caminhos de ferro, limitando muitissimo a inclinação das rampas; é

por tanto o que oppõe maior obstaculo ao progresso dos caminhos de ferro. Invente-se um processo que não tenha os defeitos deste; e realisar-se-hão as vantagens que deixo enumeradas. Cumpre accrescentar que se poderão aproveitar as forças motrizes por preços baratos, ou produzidas por maquinas leves que os physicos poderão offerecer á industria; quando até agora, por mais seductoras que fossem as suas offertas, era forçoso rejeital-as. Bem se vê que esta questão, que se appresenta em termos tão simples, não é uma pequena questão. Eis-ahi exactamente em que é admiravel a sciencia, o que a distingue de prompto dessa arte de esperdiçar as forças e de matar o tempo, que é chamada politica. Em materia scientifica, as mais pequenas circumstancias geram incalculaveis resultados; na politica, muita bulha, fumo, pó, para nada!

O que, aos olhos dos amigos das sciencias, duplicará o merecimento do novo meio proposto, vem a ser consistir elle no emprego do electro-magnetismo, isto é, de uma força que até agora ficou na reserva, e que ainda não entrou na grande campanha da industria, cujo resultado não será a tomada de uma capital, mas que rematará constituindo todo o genero humano pontifice supremo da creação.

Ha annos que se investiga muito o electro-magnetismo com intuito industrial, mas ainda não se conseguiu fazel-o rival do vapor. Aguardando, não que desaposse o vapor, mas que partilhe com elle o imperio da locomoção; já vemos que o electro-magnetismo associa-se ao vapor no proprio theatro de seu mais estrepitoso triumpho, o caminho de ferro.

Ninguem ousará dizer, posto que muito se deva esperar, o que nos dará uma força conhecida ha poucos annos, e que por ensaio, e como amostra dos serviços que prestará aos homens, já nos deu o telegrapho electrico, isto é, a abolição das distancias em objectos de correspondencia.

Expliquemos agora o descobrimento, dizendo primeiro que é devido a M. J. Nicklés, vantajosamente conhecido pelos seus trabalhos quimicos. Foi suscitado por MM. Amberger e Cassal que vieram consultar este sabio, ainda novo na idade, ácerca dos auxilios que as sciencias physicas podem fornecer para a resolução desse grande problema da adherencia.

Quando se inventou a locomotiva (apenas ha vinte e cinco annos!) appresentaram-se sabios a demonstrar, de um modo irrefragavel segundo elles, que as locomotivas não justificariam a sua denominação, visto que o vapor que se produz no interior não teria outro resultado senão fazer girar as rodas sobre o eixo, e a maquina se não boliria.

Se considerarmos que as rodas, em rasão da sua fórma circular, não tocam os rails senão em espaço mui restricto; que, além disso, as superficies em contacto são mais ou menos polidas, reconheceremos que a prophecia não era tão absurda como parece á primeira vista. Houve esperanças de a desmentir fazendo endentar as rodas nos rails; mas, finalmente, assentou-se na idéa, hoje praticada em toda a parte, de dar ás locomotivas um pezo consideravel, e de fazer pezar este accrescimo de carga sobre as rodas motrizes. Por esta rasão, no caminho de ferro de Orleans, onde se diligenciou diminuir, quanto possivel, o pezo das locomotivas, nem por isso as construiram de pezo inferior a 23 toneladas (23,000 kilogrammas.) A carga excessiva é condição *sine qua non* da adherencia, e por conseguinte da locomoção: pelo que fazendo-se encommenda de uma locomotiva, não se limita a mencionar a força requerida; mas encommenda-se de tal ou tal pezo; e para desempenhar esta condição é accrescentada á carga util uma certa quantidade de lastro ou pezo improductivo, de chumbo ou de ferro.

Facilmente se comprehenderão os inconvenientes deste processo. Esse pezo enorme que carrega sobre as rodas motrizes estafa e deteriora rapidamente a via ferrea. Tornou necessario o emprego de rails de 40 kilogrammas, obrigou a augmentar o numero de travessas de atracar, por consequencia alteou as despezas de construcção e de conservação. — Quando um trem sobe uma rampa, a adherencia diminue, e não só uma porção daquella sobrecarga é inutil, mas até influe de um modo desfavoravel. Com effeito, se n'uma superficie plana o pezo obra perpendicularmente sobre os rails, naquelle caso obra obliquamente, na direcção da gravidade, e tende portanto a fazer descer o trem.

Porém, o caso mais grave é este: — « As perturbações atmosphericas, chuva, nevoeiro, etc. diminuem muito a potencia da sobredita sobrecarga. Por isso, se alguma maquina, que tem suficiente adherencia para o tempo seco, fôr colhida de improviso pela chuva, será obrigada a ficar parada até que outra maquina venha ajudal-a. Assim acontece frequentemente no inverno; por consequencia, temos demora, despeza, risco de sinistro. — Calcula-se que a chuva e o nevoeiro faz baixar dois terços a adherencia devida ao pezo.

Mesmo em tempo ordinario, a adherencia pelo *sobrecarregamento* é cheia de inconvenientes. Para fazer *desatracar* um trem, ou por outros termos, para o por a caminho, é mister espalhar areia sobre os rails, e para esse effeito se adapta uma tremonha ás locomotivas. Em caso de nevoeiro, os cantoneiros devem polvilhar a via ferrea. Este processo dá em resultado necessario gastarem-se mais as rodas: além de que alguns grãos de silicia são sempre lançados nas superficies de fricção do mechanismo, e as deterioram rapidamente.

Finalmente, é evidente que a incerteza quanto á quantidade de adherencia que a sobrecarga póde produzir n'um momento dado, constrange a adoptar declives de mui tenue inclinação. Esta necessidade tem immensa influencia nas despezas para se montar um caminho de ferro; multiplica os tunnels e as vallas profundas. Se fôra possivel adoptar ram-

pas mais ingremes, poder-se-hia em multidão de casos seguir traçados muito mais economicos, e consequentemente dotar com os caminhos de ferro localidades que delles serão privadas em quanto persistirem nas condições actuaes.

Faz desapparecer todos estes inconvenientes o processo de MM. Nicklés, Amberger e Cassal, consistindo em produzir a adherencia sem sobrecarregamento do motor. Antes de dizermos como isto se consegue, poremos duas palavras sobre os electro-imans.

Um pedaço de ferro *doce* ou temperado *(fer doux)* ao qual se communicam artificialmente por meio da corrente electrica as propriedades da magnete é o que se chama electro-iman. Nada mais facil de praticar. Tomai um carrinho de dobar, por exemplo, novellos de algodão *(bobine)*, introduzi-lhe um cylindro de ferro temperado, enrolai no carrinho um arame ou fio metalico recamado de seda. Feito isto cada vez que pozerdes as duas extremidades deste fio em contacto com os dois polos de uma pilha electrica, e por consequencia a corrente electrica circular no fio, o ferro será transformado em iman; perderá esta propriedade cada vez que a corrente fôr interrompida, isto é cada vez que um dos fios fôr afastado do polo da pilha com que estava em contacto. E a *magnetisação (aimantation)* se produzirá e cessará conforme a circulação fôr completa ou interrompida, n'um momento indivisivel, instantaneamente, com a rapidez do raio. Neste principio é fundado o telegrapho electrico.

Explicado isto, nada tão simples como o aparelho imaginado por M. Nicklés.

Supponhamos dois carriteis á imitação dos carrinhos que mencionamos, feitos em ponto grande; façamos entrar nesses carriteis as partes inferiores das duas rodas motrizes; um fio metallico, coberto de seda, se enrolará nos dois carriteis, e as duas extremidades desse fio poderão ser postos em relação com os polos de uma pilha electrica. Por tanto, cada vez que se estabelecer este contacto as duas rodas ou pelo menos as partes inferiores das rodas, as que descançam sobre os rails, serão transformadas em iman; ora, como o iman attrahe o ferro as rodas attrahirão os rails, isto terão adherencia com os rails.

Nada ha mais simples, como se vê; e toda a gente fara a mesma pergunta que para comnosco fizemos á vista daquellas interessantes experiencias. » Porque não tinha já lembrado isto? « Todavia, a nossa admiração de nenhum modo diminue o merito da invenção; sabido é que as idéas simplices não são as que primeiro se appresentam.

DO USO DA BOFAREIRA [1] DAS ILHAS DE CABO VERDE PARA EXCITAR A SECREÇÃO DO LEITE.

Com a devida auctorisação, e porque convém vulgarisar a seguinte noticia para convidar os naturalistas e os clinicos a fazerem sérias investigações sobre o assumpto, tomámos do excellente *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa* (n.º de junho ultimo) a informação sobre o uso da Bofareira, lida n'uma recente sessão da Associação britannica em Edimburgo pelo Dr. William, practico inglez bem conhecido pelo estudo que fez da febre amarella que grassou em Cabo Verde no anno de 1846.

« Durante o tempo, em que estive commissionado pelo governo inglez na investigação official da natureza e historia da epidemia da febre amarella, que grassou na ilha da Boa Vista em Cabo Verde no anno de 1846, tive occasião de observar os effeitos de um remedio frequentemente empregado alli, e em outras ilhas daquelle archipelago, para accelerar e augmentar o corrimento do leite dos peitos das puerperas, nos casos em que aquella secreção apparecia tardia ou deficiente em quantidade. Reconheci egualmente; que em casos de necessidade aquelle remedio podia ser empregado com um fim ainda mais importante, a saber, para produzir leite nos peitos das mulheres fóra do estado do puerperio, ou que não haviam parido ou amamentado crianças já muitos annos antes.

As folhas da planta chamada na linguagem do paiz Bofareira, mas que é na realidade o *ricinus communis* dos botanicos, e algumas vezes as folhas da *Iatropha curcas*, que ambas pertencem á familia natural das *euphorbiaceas*, são os meios pelos quaes se obtem estes interessantes, senão extraordinarios resultados.

A Bofareira cresce na maior parte, senão em todas as ilhas de Cabo Verde. Aquella, que os naturaes empregam para os fins mencionados é denominada por elles Bofareira branca, differençando-a por este modo de outra, que parece não ser mais que uma variedade da mesma especie, isto é, da Bofareira vermelha. A branca, que possue as qualidades galactopoieticas, é conhecida dos naturaes pela ligeira côr verde dos peciolos da folha, em quanto que o peciolo da folha da chamada Bofareira vermelha é de um vermelho purpura. Esta ultima é cuidadosamente evitada, por ser considerada como poderoso estimulante, e quando empregada alguma vez, por engano, em logar da branca, produz o corrimento immediato e muitas vezes immoderado do menstruo.

Nos casos de puerperio, quando tarda o apparecimento do leite (circumstancia frequente naquellas ilhas) prepara-se um cosimento, fervendo bem um manipulo da Bofareira branca em seis ou oito libras de agua commum. Os peitos são banhados com este cosimento durante 15 ou 20 minutos, e depois cobertos com uma camada não espessa das folhas cosidas, as quaes devem ficar alli permanentes, até perderem de todo a humidade por meio da evaporação, e provavelmente em parte pela absorpção. O processo

[1] *Ricinus communis* dos botannicos, cujo nome trivial portuguez no continente é *Carrapateiro*.

de fomentar com o cosimento, e de applicar as folhas, é repetido a curtos intervallos, até que o leite corra em seguimento á sucção operada pela criança, o que ordinariamente tem logar no decurso de poucas horas.

Nos casos, em que se pertende a secreção do leite nos peitos das mulheres, que ha annos não teem parido, nem amamentado crianças, o modo do tractamento adoptado é o seguinte. — Tomam-se dois ou tres manipulos das folhas do *ricinus*, e cosem-se como acima se diz. O cosimento é lançado ainda fervente em um largo vaso, sobre o qual a mulher se colloca de maneira a receber o vapor sobre as coxas e orgãos de geração, evitando cuidadosamente, por meio de roupas applicadas em torno, que o vapor tenha sahida para outra parte. A mulher permanece nesta posição por dez ou doze minutos, até que o cosimento arrefecendo um pouco, ella possa banhar as partes indicadas por 15 ou 20 minutos mais. Os peitos são então pelo mesmo modo banhados, e maciamente friccionados com as mãos, sendo depois applicadas as folhas pola fórma já descripta. Estas differentes operações são repetidas tres vezes durante o primeiro dia; no segundo dia repete-se o lavatorio ao peito, a applicação das folhas, e a fricção tres ou quatro vezes; no terceiro dia, o banho do vapor já indicado, a fricção, a applicação das folhas, e a fomentação dos peitos, são de novo empregados. Dá-se então o peito á criança, e na maioria dos casos encontra abundante copia de leite.

Quando succeda não ser segregado o leite ao terceiro dia, continua-se o tractamento por mais um dia; se acontece falhar ainda, abandona-se a tentativa, e considera-se a pessoa como não susceptivel da influencia da Bofareira.

As mulheres de peitos bem desenvolvidos experimentam mais facilmente a acção da planta. Quando os peitos são pequenos e rugosos, a planta parece operar mais sobre o systema uterino, provocando logo a menstruação, se a épocha della ainda se acha distante, ou dando logar a um fluxo immoderado, se a épocha della está proxima.

A exposição ao frio é completamente evitada para o bom exito do tractamento; abstendo-se as mulheres para este fim de lavar com agua fria as mãos ou os pés.

Maria, mulher mulata, de 30 annos de edade, alta e forte, bem conformada, regularmente menstruada, mãe de tres filhos, dos quaes o mais novo tinha tres annos, e havia sido desmamado na edade de um anno, foi submettida á minha observação pela complacencia do Dr. Almelda, da Boa Vista, na manhã do dia 30 de junho de 1846, para o effeito de nella ser observada a acção de Bofareira. Ella assegurou que, quando seu ultimo filho foi desmamado, desapparecera inteiramente o leite de seus peitos dentro em poucos dias. Não reconheci nella signal algum de gravidez. Os peitos eram como os das mulheres negras em geral, que tem tido filhos, pendentes e molles; não apparecia nelles vestigio algum de leite fazendo-se uma forte expressão na papilla.

Os banhos, as fomentações, a applicação das folhas, a fricção, a sucção, etc., foram empregados pela maneira e ordem já descripta. No segundo dia manifestava-se pela expressão da papilla alguma sorosidade leitosa, e algum augmento de volume na porção areolar do peito. No terceiro dia reconheceu-se augmento na quantidade do leite, e ao mesmo tempo menos aquoso. Na manhã do quarto dia existia evidente augmento na parte inferior do peito, e o leite correu abundantemente, logo que a criança effectuou a sucção. [1]

O uso da Bofareira, nos casos de puerperio, para accelerar o corrimento do leite, é frequente, porém comparativamente raro como meio de formar e preparar uma ama de leite: deram-se todavia alguns casos deste ultimo genero, em consequencia da morte de mães, que amamentavam seus filhos, durante o progresso da epidemia na Boa Vista, em 1845 e 1846, que dizimou uma população, que consta pela maior parte de negros, e alguns europeus, portuguezes e inglezes, e uma pequena proporção de sangue mixto negro e europeu. Com tudo, geralmente fallando, este uso da Bofareira é poucas vezes aproveitado, e só quando a morte durante o parto, ou uma prolongada doença depois delle torna necessario que alguma mulher caritativa se submetta a bem da criança á influencia da Bofareira.

O filho de um rico proprietario da ilha de S. Nicoláo, homem robusto e de excellente saude, foi amamentado por uma mulher, cujo leite foi produzido pela acção da Bofareira. Esta mulher havia tido dois filhos, ainda moça; o marido morreu logo depois do nascimento do segundo filho, e ella conservou-se no estado de uma virtuosa viuvez; prestando-se generosamente muitos annos depois da morte do marido á influencia da Bofareira, para lactar o mencionado individuo, que é muito conhecido do meu amigo o Sr. George Miller, daquella ilha.

O Sr. Rendall, consul geral inglez nas ilhas de Cabo Verde, referiu-me que uma senhora, natural da Boa Vista, hoje residente em Santo Antão, e mulher de um consul estrangeiro, teve uma filha em 1843. Tendo muito pouco leite, obteve de uma antiga creada, que esta submettesse á acção da Bofareira, e assumisse as funcções de ama de leite, o que effectivamente se verificou, sobrevindo abundancia de bom leite, apesar de não ter tido filho algum nos dez annos anteriores. A criança achava-se em Março de 1847 com a melhor saude, e bem desenvolvida. Em summa, diz o Sr. Rendall, as mulheres que usam da Bofareira, acham-se em dois ou tres dias em disposição conveniente para alimentar o filho de uma rainha.

Não me foi possivel averiguar por observação propria, nem ainda por informação exacta, qual é a acção da Bofareira sobre as mulheres virgens, e sobre aquellas, que ainda não tiveram filhos apesar de não serem virgens. Com tudo, com referencia a estas ultimas, uma habil parteira assegurou ao meu intelligente amigo, o Sr. George Miller, de S. Nicoláo, que o effeito da administração da Bofareira é o mesmo, que se observa nas mulheres que já tem tido filhos.

[1] O Dr. William Browne, cirurgião da marinha real, obteve os mesmos resultados das experiencias, que fez em duas mulheres, quando foi cirurgião do navio Madagascar, na ilha da Boa Vista, durante o anno de 1844.
(Nota do auctor.)

Em alguns casos, mas raros, o cosimento da Bofareira é administrado internamente, com o fim de auxiliar a acção da sua applicação externa.

Sinto não haver sido informado da supposta differença na acção da Bofareira branca e da vermelha, durante o tempo que estive em Cabo Verde, por quanto podia ter examinado a acção desta ultima no proprio local.

As sementes das duas plantas mencionadas acabam de ser examinadas em Inglaterra pelo distincto naturalista o Sr. William Hooker, o qual me dirigiu o seguinte esclarecimento. — «As plantas, que vós designaes pelos nomes de Bofareira branca a vermelha, são ambas não só do genero *ricinus*, mas da mesma especie, a saber, *ricinus communis*, que é a planta que ministra o oleo de mamona. Nos nossos jardins, bem como por toda a parte as plantas appresentam variedades, e as vossas duas plantas variam um pouco na fórma e grandeza da semente, e especialmente na côr, mas pertencem á mesma especie.» Não obstante deverem ser consideradas as mencionadas plantas como simples variedades da mesma especie, é comtudo possivel, que tenham differentes propriedades, pois o mesmo tem logar com certas variedades de outras plantas, como o tomilho, a hortelã, etc.

Taes são os factos, que posso communicar a respeito deste galactopectico de Cabo Verde, que julgo dignos de serem verificados em Inglaterra. Se a acção desta planta em nosso clima for similhante á que appresenta dentro dos tropicos, cumprirá fazer novas investigações debaixo do ponto de vista hygienico, medico, e medico-legal.

Nota. O Dr. Tyler Smith, a quem fiz vêr esta noticia antes da minha ida para Edimburgo, escreveu-me dizendo-me, que elle tem experimentado a Bofareira em differentes casos, segundo a maneira que fica descripta, e que os effeitos da planta criada em Inglaterra justificam os factos, que expuz com referencia ao uso della nas ilhas de Cabo Verde.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 64).

139 MARMORE.
Freguezia de S. Domingos de Rana, sitio dos Xerinhos.
140 MARMORE.
De Linhó, junto á Ribeira de Barcarena.
141 MARMORE.
Ermida de St. Amaro, junto a Oeiras.
142 MARMORE.
Rio Secco, junto á tapada d'Alcantara.
143 MARMORE.
Logar de Rana, dita freguezia.
144 MARMORE.
Côr azul, de Cintra.
145 MARMORE.
Pimenteira, junto á Fonte de Caieiro.
146 MARMORE.
Dentro da tapada d'Ajuda, a cima da Fonte.
147 MARMORE.
Freguezia de S. Domingos de Rana; junto a Matto Largo.
148 MARMORE.
De Penha Longa, em Cintra; na quinta de Martinho de Mello.
149 MARMORE.
Pimenteira, junto á Fonte de Caieiro.
150 MARMORE.
Rio Secco, freguezia d'Ajuda.
151 MARMORE.
Serra de Monsanto, sitio da Oliveira das Mesquitas.
152 MARMORE.
De Oeiras, sitio das Alberjas.
153 MARMORE.
Pedreira d'Alcolena, em Belem.
154 MARMORE.
Rio Secco, freguezia d'Ajuda.
155 MARMORE.
Serra de Monsanto, sitio dos Olivaes.
156 MARMORE.
De Oeiras. calçada do Torneiro.
157 MARMORE.
Pedreira d'Alcolena, em Belem.
158 MARMORE.
Termo d'Alverca, junto á Alhandra.
159 MARMORE.
De Vialonga, sitio de Massassezes.
160 MARMORE.
De Vialonga, sitio de Massassezes.
161 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Pedreira do Duque.
162 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Cazal dos Bertholdos.
163 MARMORE.
De Vialonga, sitio das Arrotêas do Espragal.
164 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Almargem.
165 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Flamenga.
166 MARMORE.
De Vialonga, sitio dos Penedos dos Negros, freguezia do Almargem.
167 MARMORE.
De Vialonga, sitio dos Penedos dos Negros, freguezia do Almargem.
168 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Fonte do Valle.
169 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Fonte do Valle.
170 MARMORE.
De Vialonga, sitio dos Penedos da Olella, freguezia do Almargem.
171 MARMORE.
De Vialonga, sitio de Rio Trancão.
172 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Valle do Monte.
173 MARMORE.
De Vialonga, sitio do casal da Abobereira.
174 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Casal dos Cavalleiros.
175 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Casal dos Cavalleiros.
176 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Valle do Monte.

177 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Casal de St.ª Cruz.
178 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Valle de St.ª Cruz.
179 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Valle de St.ª Cruz.
180 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Fonte Santa.
181 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Fonte Santa.
182 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Fonte Santa.
183 MARMORE.
Freguezia de Bellas, sitio do Casal de Monte Abrão.
184 MARMORE.
Freguezia de Bellas, sitio do Casal de Baronto.
185 MARMORE.
Freguezia de Bellas, sitio do casal de Baronto.
186 MARMORE.
Da Povoa, junto a Penella.
187 MARMORE.
Freguezia de Bellas, sitio do Casal do Carniceiro.
188 MARMORE.
De Villa Fria, dentro do logar.
189 MARMORE.
Do Barrocal, junto a Tavira.
190 MARMORE.
Provincia do Algarve, Tavira entre o convento de St.º Antonio e as Freiras.
191 MARMORE.
De Sares, de Lorvão.
192 MARMORE.
Freguezia de Bellas, sitio dos Casaes de Cambra.
193 MARMORE.
De Villa da Ega.
194 MARMORE.
De Villa da Ega.
195 MARMORE.
Do sitio das Salemas.
196 MARMORE.
Do sitio de Caenga.
197 MARMORE.
Do sitio da Caenga.
198 MARMORE.
Da villa da Ega.
199 MARMORE.
Do Barrocal, St.ª Margarida, junto a Tavira.
200 MARMORE.
Do Barrocal, serro do Cavaco, junto a Tavira.
201 MARMORE.
Junto ao Forte das Maias.
202 MARMORE.
De Pero Pinheiro, caminho de Mafra.
203 MARMORE.
Regueira de Pedrouca, junto a Aldêa do Moio.
204 MARMORE.
Torre da Aguilha, junto ao Casal.
205 MARMORE.
Freguezia de Tires, Cova da Onça, junto ao Açougue.
206 MARMORE.
Do 1.º Banco do sitio de Abroil.
207 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Matto de Domingos Matheus.
208 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Matto de Domingos Matheus.
209 MARMORE.
Do Vialonga, sitio dos Galvões.
210 MARMORE.
De Vialonga, sitio dos Galvões.
211 MARMORE.
De Vialango, sitio da Eira de Poina.
212 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Eira de Poina.
213 MARMORE.
De Vialonga, sitio das Arroteas do Casal das Pilotas.
214 MARMORE
De Vialonga, sitio das Arroteas do Casal das Pilotas.
215 MARMORE.
De Vialonga, sitio da St.ª Cruz, pedreira do Môco.
216 MARMORE.
De Vialonga, sitio da borda do Matto.
217 MARMORE.
De Vialonga, sitio da borda do Matto.
218 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Matto de Domingos Matheus.
219 MAAMORE.
De Vialonga. sitio das Cascalheiras do Espragal.
220 MARMORE.
De Vialonga, sitio da tapada do Conde.
221 MAEMORE.
De Vialonga, sitio da tapada do Conde.
222 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Rio de Troia.
223 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Rio de Troia.
224 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Casal do Sapinho.
225 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Carrapeto de Cima.
226 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Rigango.
227 MARMORE.
227 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Calhandriz.
229 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Calhandriz.
230 MARMORE.
De Vialonga, sitio de Cascalheiras do Espragal.

Esta collecção de 96 marmores de n.º 136 a 231, é extrahida do Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e por ella mandado á Exposição.

231 BRECHE.
Da Serra d'Arrabida.
232 MARMORE.
233 MARMORE.
234 MARMORE.
235 MARMORE.
236 MARMORE.
237 MARMORE.
238 MARMORE.
239 MARMORE.
240 MARMORE.
241 MARMORE.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo VII.

ULISSES ABRAÇA PENELOPE!

O dominico tinha dito ao commendador, que Filippe era recem-chegado da India e amigo velho do marido da senhora; acrescentando que trazia duas excellentes noticias, consistindo a primeira em ser falsa a sua morte; e a segunda em que o deveriam esperar por todo o mez na volta da náu de viajem, que estava a chegar. Executando as instrucções recebidas, o padre preparou o animo de Lourenço Telles para sopportar como christão a entrada de seu sobrinho. Em quanto os dois antiquarios se feriam no seu pugilato litterario Fr. João passou ao interior da casa e principiou a confortar a sr.ª Magdalena da Gama para a dispor a resistir á alegria repentina da boa nova, que vinha annunciar-lhe.

Assim precedido pelo seu embaixador, Filippe apresentou-se no *Sancta Sanctorum* do sabio latinista, devidamente annunciado pelo cartaz. Entre portas, o capitão da India, com o tremendo chapeo de tres quinas arvorado na mão, inclinou-se, piscou os olhos como se lhos assombrasse o sol, e com o balanço de corpo, caracteristico dos embarcadiços, decidiu-se a introduzir a sua pessoa sem maiores preambulos. O commendador aberto de phisionomia, affavel e obsequioso, pousou as mãos no maciço velador, levantou-se algum tanto firmado n'ellas; e fez-lhe uma profunda cortezia. O abbade *regis ad exemplum* empunhou a bengala, e appoiado no seu castão, elevou-se á altura requerida, abaixou a cabeça ás linhas precisas, e tornou a cahir lento e solemne no assento da cadeira.

Filippe da Gama tinha promettido ao religioso, seu amigo, duas coisas pouco faceis: — luctar com a erudição do commendador, e deixal-o encantado. Com a sinceridade desabrida, e o genio inflamavel, que lhe conhecemos, a tentação do marido da sr.ª Magdalena sobre o seu erudito parente, devia exceder as forças do tentador. Dos bons estudos, que tinha cursado, o nosso capitão apenas retinha de memoria os farrapos dos cartapacios e esses mesmos não os entendia. Quanto á cultura e delicadeza das maneiras, em conflicto com o primoroso Lourenço Telles, o digno Sindab portuguez o que podia fazer senão serzir alguma lentejoula mareada ás felpudas amabilidades do marujo e do soldado, formado nas pragas do convez, e doutorado na eschola do sertão?

O capitão empregou a meia hora de espera, concedida ao padre seu amigo, em engenhar o plano de operações para casa do tio sabio; em colligir o drama da sua vida; e aproximar o desenlace, a peripecia final, em que devia dizer o: «conheces-me?» de rigor, nos braços da esposa. A par da importancia do assumpto não se esqueceu de beliscar a memoria, e de vilicar o cerebro para obter o sacrificio de tres phrases de Cicero, e de uma sentença moral, bagagem scientifica bem leve, mas a seu vêr sufficiente. Depois de armado dos pés até á cabeça, na sua opinião, levantou a aldraba, e com grande confiança deu entrada na sala achando-se em presença dos Aristarchos, ainda ensanguentados da discussão horaciana.

— «Faz favor de entrar!» — acudiu logo o obsequioso commendador. — «Queira desculpar se recebo tanta honra assentado, mas estou preso por ordem de quem póde:» — acrescentou com um surriso amargoso. — «O sr. abbade Silva, meu amigo, fará as minhas vezes. Então vem cançado? Está suado? O seu chapeo incommoda-o!

— «Nem cançado, nem suado, muito agradecido. Tenho andado milhares de legoas pelo sertão, sem me virem os bofes á bocca; quanto mais com duas passadas do Rocio aqui; eu não costumo suar no inverno com frio. Irra! está de fazer da gente caramellos!»

— «Vê-se que o sr. viajou muito no sertão!» — suggeriu o abbade forcejando de balde por desapossar Filippe do chapeo casquete. Isto passava-se ainda ao pé da porta da entrada. De repente o capitão resolvido a entrar em batalha, e um pouco agoniado pela requintada polidez dos dois eruditos, sacudiu o pescoço, carregou o sobr'olho, enxotou o abbade com a mão sem nenhuma ceremonia, e dizendo comsigo: — «vou deixal-o embaçado!» — dirigiu ao commendador a seguinte phrase de Cicero: — «*Meam erga te benevolentiam facile perjicies*!»[1]

Ao mesmo tempo arremettia á cadeira de Lourenço Telles, cuja vista extatica exprimia o maior

[1] Facilmente verás a benevolencia que me inspiras. Filippe estropia o latim, dizendo: *perjicies* em logar de *perspicies*.

espanto, diante da vehemencia, e da crueza sapiente do seu hospede. O abbade Silva, encolhendo os hombros, tornou a sentar-se, tocando cravo por distracção sobre o castão japonez da apparatosa bengala.

Entretanto o commendador, citado em latim, julgou da sua honra, acudir á lingua sabia no estilo de Cicero: — « *Mihi in vestris commodis augendis grata animi benevolentia defectura non est.* » [2]

O erudito pronunciava cada palavra com o rigor, e o perfume classico do amador entendido. Todavia comsigo murmurava: — « Que especie de homem será este? »

Por desgraça, Filippe da Gama, segundo notamos, tinha o ouvido latino muito surdo; repetia de cór, e nem percebeu o que disse nem o que lhe responderam. Por isso, em quanto o douto interlocutor se banhava na pura latinidade, o capitão, perdendo os arções do primeiro bóte, valeu-se dos caxorros de proa, e segundo tinha protestado ao frade, disparou ao acaso outra balla rasa. — « *Quæro cur tam subito mansus est?* » [3]

Lourenço Telles deu um pulo, e chegou para si a campainha de prata, para esconjurar as silabadas e os erros que lhe escorcharam os ouvidos. O desproposito era flagrante. Quanto ao abbade, levantou os olhos ao céu, desencruzou as extensas pernas, e aproximou o chapeo de borlas verdes. Ambos se julgaram em presença de um maniaco. — « *Medoro torce il nazo* ! » — acudiu o auctor do Opusculo sobre as bexigas do Viso-Rei.

O capitão lanhava o latim, mas de italiano, percebia alguma coisa, assim como do inglez e hespanhol, em virtude da sua intimidade com os negociantes destas nações. Sem demora deitou ao abbade um olhar mortifero, e voltando-se mais para elle, chapou-lhe muito serio a memoravel sentença:

« Bellum est sua vitia nosse! »

Um salto do compilador de notas, o risito amarelo do commendador ao epigramma classico, e um mio stridulo do gato valido, formaram um accordo perfeito, depois da valente citação.

Filippe, obedecendo aos repetidos signaes de Lourenço Telles tinha arrastado um tamborete, e procurando a melhor posição, não reparou, que um dos pés ameaçava a cauda de *Minete*. Ao sentar-se cahiu em peso sobre ella, e arrancou ao martyrisado gato os lamentos, que retalhavam o coração do sabio commendador. Este desesperado, agitou-se fazendo por sorrir, consolando a victima com sopas de geleia, e dizendo ao mesmo tempo com muito agrado ao seu hospede: — « Não é nada! Agradeço infinitamente o seu incommodo! Toma um copo de vinho, uma culher de doce? Se me fizesse o obsequio de se chegar mais. . . estou um pouco surdo. »

Era um meio delicado de salvar o gato de segundo encontro; porém o raio foi cahir mais longe. Ainda não tinha dito estas palavras já uma especie de terremoto abalava a columna na sua peanha, sacudia a gaiola, e derrubava o papagaio de cabeça para baixo, dançando, suspenso no grilhão, entre gritos agudissimos. Filippe voltou-se admirado, ao passo que Lourenço Telles, branco e convulso, exclamava — « Santa Barbara! » — precipitando-se em soccorro do papagaio. Chegou tarde porém; a mão nervosa do capitão já empolgava a ave pela cabeça, e a repunha no poleiro, mais magoada do soccorro do que da queda.

— « Pelo que vejo o sr. commendador é amigo de brutos? » — perguntou Filippe limpando a lingua aos cantos da bocca, e introduzindo a furto um rebuçado de tabaco.

— « Sim, Sr., sou curioso » — replicou o velho com certa finura ironica. — « Já creei quatro cães, oito gatos, e tres papagaios. *Minete*, que vê, é bisneta da « Sultana » que trouxe de França na minha ultima viajem. Estou com muita pena! Morreu o meu sauguim de uma colica de uvas. . . . »

— « São animaes friorentos! Sabe, este seu papagaio não é feio. Falla bem? »

— « Ensinei-o eu! »

— « Pois, Sr., se o apanhasse no Brazil, quando fui á rossa em Minas Geraes. . . .

— « Não o deixava escapar? . . . »

— « Está brincando! Sal, pimenta, e espeto com elle! olhe que é um bocado saboroso. »

— « O Sr. come papagaios? » — acudiu o Commendador espavorido, e abanando as mãos para chamar o sangue ás extremidades.

— « Cômo, sim Sr., e tambem macacos. Digo-lhe que são gostosos. Parecem mesmo creanças assadas! » — E Filippe ria-se com visivel satisfação.

[2] Tenho o maior desejo de vos ser em tudo agradavel.

[3] Pergunto, qual é o motivo, porque tão de repente amançaste? Filippe estropia a phrase, dizendo *mansus est* em vez de *mansuetus fueris!*

— « Que homem ! » — disse o abbade recuando a cadeira, em quanto os olhos azues do seu amigo se espantavam com terror.

— « E se nos não devora, não é por sua culpa ! » accrescentou Lourenço Telles, sorrindo contrafeito.

O capitão estava tão contente que julgou magnifica a sensação causada pelas suas opiniões quasi antropophagas.

— « É verdade. » — continuou com certo orgulho — « Prefiro o papagaio. É carne vermelha, aromatica, e saborosa, Quero ensinar a cosinhal-o. Supponha o sr. commendador, que matamos este. Agarram-se-lhe as azas. . . . »

Aqui a acção ía seguir a palavra, quando Lourenço Telles seriamente assustado lhe suspendeu docemente o braço, dizendo :

— « Então, o Sr. pretende comer o meu papagaio ? »

— « Nada, por ora não. Era dar idéa. . . . »

— « Mas eu não gosto de idéas ; digo, não gosto de guizados exoticos. »

— « São scismas. Tudo vae do costume. Na America, por exemplo, quando me deram carne de cobra a primeira vez, qual ! nem á mão de Deus padre. Depois chuchava nella como rebuçado ! »

— « Cobras ! Tambem come serpentes ! » murmurou o commendador quasi parvo de nojo.

— « O congro não é tão bom. Pois o lagarto ? Delicioso ! Branco e tenro como frango. »

— « Este homem, se entra na arca de Noé não deixa senão os ossos ! » — rosnava o abbade abismado. Lourenço Telles torcia-se como um parafuso, e a custo reprimia o que lhe vinha á bocca. Vendo os olhos do hospede fitos no gato com certa complacencia, disse-lhe rindo de um riso forçado :

— « Ia apostar, que tambem me diz que não desgosta de gato, e que é bom ? »

— « De certo. Parece lebre. E em mojangé : asseguro-lhe que se grita por mais. »

— « *S'il a le cœur aussi dur que la tête, nous sommes perdus !* » [1] observou o Commandante ao abbade, que respondeu com um gesto de acquiescencia. E tocando a campainha com força, virando-se para Filippe, disse :

— « Vou mandar chamar a senhora. Ha de estar anciosa de o vêr. »

— Estou ás ordens do sr. commendador. »

A cortezia refinada do erudito penava a fogo lento. A entrada abrupta do capitão, o seu latim salpicado, e as violencias commettidas contra o gato e o papagaio, a par da nauseabunda saliva do tabaco, e dos cruentos dogmas sobre a arte da cosinha, causavam-lhe um tedio, um horror, e uma afflicção, que o cobriam de suores frios, inspirando-lhe a deliberação de sacudir pela porta ou pela janella o grosseiro personagem, que se introduzia em sua casa com tanto desafogo. Mas, escravo da polidez, levou a heroicidade a ponto de continuar o dialogo :

— « Viajou muito, segundo observo. »

— « Menos mal ! Tenho visto meu bocado de mundo. Andei pela China, pela India, e pela America. . . mas como o sr. commendador ainda não vi senão uma pessoa. »

— « Lisonjeia-me ! E em que me pareço com ella ? »

— « Em ser um janeiro penteado. »

— « Com effeito ? »

— « Pelas sete orelhas de Belzebut ! Aposto que o sr. commendador não morre antes de encommendar a mortalha, para ír um palmito á cova. . . . »

Lourenço Telles agradeceu o insulto, como se fosse um elogio. Estava ardendo, mas reprimia-se.

— « Acha-me exotico ? »

— « Nada ! Acho-o divertido. Assim embonecrado e com os pés para a cova, sabe quem me parece ? O Rajá de Singapura. Com noventa annos feitos deu-lhe em casar com uma rapariga de quinze, e toda a noite das bôdas andou n'uma dobadoúra. Por signal que dois dias depois foi a pique.

O abbade desatou a rir e o commendador acompanhou-o visto não ter outro remedio.

Neste momento Jasmin, o creado francez de Lourenço Telles, entrou na sala participando que a senhora vinha já. Jasmin era muito formalista, e dez annos mais novo do que seu amo. Trazia á cabeça uma cabelleira immensa, das mais fartas de que havia noticia.

O abbade Silva, como bem educado, entendeu que um terceiro era demais ; por isso, e para se eximir da affabilidade do nosso Filippe da Gama, pegou no chapeu, comprimentou amigavelmente o seu illustre adversario, e encaminhou-se para a porta da escada, precedido por Jasmin. O douto clerigo notára certo ruido forte na escada, mas o calor da conversação e a singularidade della, tinham-no distrahido. Agora, aproximando-se da porta, sentiu-o cres-

[1] Se o coração do homem é duro, como a cabeça, estamos perdidos.

cer, e olhou para o escudeiro, que punha a mão na chave.

O capitão perguntava nesta occasião a Lourenço Telles:

— « Como gosta de animaes, dois de mais, não lhe fazem transtorno? »

— « São o meu recreio!

— « Pois, se dá licença, offereço-lhe. . . . . »

Não pôde acabar. Apenas se abriu a porta da escada para sahir o abbade, entrou de roldão no aposento um tropel medonho. — Um macaco disforme, descomunal, horrendo, precipitou-se, cingido de uma corrente pela cintura. De rastos, atraz delle, vinha um preto corcunda, procurando contel-o inutilmente. Ladrando e arremettendo, um cão de compridas felpas, e gigantescas proporções, entrou cubrindo a retaguarda do ruidoso sequito. Era o presente de Filippe da Gama; era o « Tigre » e o « Simão » com que esperava captar a benevolencia do seu parente. *Proh pudor!* O creado velho deu um salto de medo, gritando com força « Morbleu! » O abbade, sem gota de sangue no corpo, pozse em defeza com a bengala em guarda de florete. O commendador, aterrado com a invasão, segurava-se meio de pé ao seu velador. Só o nosso capitão ria e esfregava as mãos, gritando ao abbade — « *Torce il nazo Medoro!* »

O macaco, verdadeiro Simia Satyrus de Lineu, investiu pela casa, arrastando em ar de ceppo o pobre preto atraz de si. Apenas avistou o escudeiro e o clerigo, foi direito ao primeiro e pelou-lhe a cabeça da vistosa peruca, arreganhando os dentes; foi direito ao segundo tirou-lhe a bengala das mãos, quebrou-lha no corpo, por fortuna era fina; e usurpou-lhe o respeitavel chapeu abbacial, regalando o dono ao mesmo tempo com uma sova de coices. O pobre antiquario cahiu, e todo amarrotado e vexado, conseguiu salvar-se da ira do mono. — Feita assim a sua preza, Simão chegou-se ao espelho, encaixou a cabelleira e encapellando-lhe por cima o chapeu do abbade, deu um salto á gaiola do papagaio, aggarrou-a, poz uma das mãos no hombro do commendador, e depois um pé, e guindou-se deste modo á janella que dava para o telhado, cuja beira escolhera para recosto, em quanto embalava o « Lindo » no meio de guinchos e biocos infernaes.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Orago da freguezia de Santos o Velho. — Hontem a irmandade dos Santos Irmãos Martyres Verissimo, Maxima e Julia, invocação da parochia I igreja de Santos, celebrou, como de uso annual, a sua festa. N'outros annos, ainda em nossos dias, quando as posses da irmandade eram mais avultadas e as circumstancias da epocha favoreciam, foi esta festa mui pomposa, e, como vulgarmente se diz, das mais rijas de Lisboa. Limitada depois a uma solemnidade decente, mas que não passa de missa de capella; hontem, por um caso excepcional, fez-se com todo o esplendor de musica instrumental, composto o côro dos melhores professores da capital. Concorreu a circumstancia de que o Padre Domingos da Silva, natural da freguezia, tendo recebido ordens de presbytero, cantou nesse dia missa nova; foram ministros assistentes os reverendos priores, de Santos o Padre Pedro, e da Lapa. A solemnisação deste acto veio em auxilio da irmandade, a bem da qual muito se empenha o zelo louvavel do Sr. Francisco José Leano, e de outros irmãos.

A capellinha em que estão collocadas as imagens dos Santos Martyres estava bem armada, e o altar bem alumiado e adornado. Esta capella, que é toda de boa cantaria, fica logo á mão direita na entrada que precede a porta principal da igreja parochial, virada ao poente: é bonita, apesar de ter o tecto baixo e ser falta de claridade. Está exactamente collocada por cima da pequena catacumba que foi primitiva sepultura dos corpos dos Santos, que hoje se veneram no real mosteiro das commendadeiras de Santos o Novo, situado ao oriente da cidade sobre a estrada que vae a Xabregas.

Na mesma capellinha, uma porta ao lado direito dá serventia para um patim que recebe luz bastante da janella, rasgada na muralha do sul com sua grade de ferro, e que tem vista do Tejo; por este acanhado espaço ha communicação para a casa de despacho da irmandade; e descendo uma escada assaz estreita, de 12 degraus de um palmo de altura, voltando logo as costas ao norte damos de frente com a pequena catacumba, que está resguardada por um cancello de ferro, de trabalho facil mas de bom gosto, bem como outro á entrada da capella superior; ambos foram assentes naquelles logares em 1821, anno em que a irmandade com essa obra e varios retoques e reparações gastou para cima de seiscentos mil réis, entrando a pintura do tecto allusiva ao premio do martyrio dos santos padroeiros, representando tres anjos que seguram palmas e corôas: — não se vê mui distinctamente pela falta de luz: mostra certo grau de merecimento no seu pintor, José Thomaz: — a inscripção, com pertenções a versos, diz assim:

« Pela fé ao martyrio se entregaram
« Santos irmãos que de morrer nunca acabaram. »

Por cima da porta lê-se outra, insculpida na pedra, do theor seguinte;

« Toda a gloria do mundo é vento, é nada,
« Só a gloria de Deus é eternisada. »

A capella que fica por debaixo da primeira e que denominamos catacumba é de paredes forradas de azulejo, e terá 16 palmos de comprimento, 14 de altura no centro, e 10 de largura; no topo fronteiro á porta ha junto á parede um altar ou antes banqueta que serve para collocar na vespera e dia da festa seis castiçaes com cirios accesos, bem como são postos outros seis deredor da lapida rasa no meio do pavimento deste pequeno recinto, para que se possa ler este breve lettreiro.

« Proprio logar em que foram sepultados os Santos Martyres Verissimo, Maxima e Julia em tempo do emperador Diocleciano no anno de 307.»

Encostadas ao altar mencionado ha tres pedras em distancias eguaes, assentes sobre bases quadradas da grossura de tres ou quatros dedos pouco mais ou menos; são todas tres semilhantes, e terão cada uma dois palmos e meio de altura por outro tanto de largura; foram para alli trazidas no originario estado de toscas e escabrosas, mas depois as poliram, á excepção de um pequeno espaço no alto; agora appresentam quatro faces com quatro quinas ou arestas que se vão esbatendo até se desvanecerem na parte superior que é convexa e lisa, menos na pequena porção que deixaram em bruto. — Dizem as lendas dos Santos Martyres e tambem a tradição, que a estas pedras de grande pezo foram amarrados os corpos dos tres bemaventurados irmãos quando depois de muitos tormentos e recebida a final com a degolação a palma do martyrio, foram mandados lançar ao meio da corrente do Téjo por ordem do tyranno executor da vontade do perseguidor do christianismo, Diocleciano. Sobre o nome desse proconsul ou presidente nas Hespanhas ha divergencia nos escriptores; querem uns que se chamasse Publio Daciano e outros Tarquino. Diz mais a tradição que as volumosas pedras não impediram que os corpos dos Santos boiassem e sahissem á praia junto do local onde os christãos furtivamente lhes deram sepultura.

Os nossos escriptores de maior nomeada sempre tiveram os Santos Verissimo e suas duas irmãs, por filhos de Lisboa; entre outros o arcebispo D. Rodrigo da Cunha na Historia Ecclesiastica desta Diocese, Luiz Marinho no livro das antiguidades e grandezas de Lisboa, o licenceado Jorge Cardoso no Agiologio; e além destes e outros que deixo de apontar, escreveram o mesmo os hespanhoes Ambrosio de Morales e Alonso de Villergas e mais outros estranhos. Que foram lisbonenses tambem consta pelo breviario do arcebispado de Lisboa. O Padre Carvalho na Corographia até refere a tradição que os faz nascidos no sitio desta cidade chamado das Pedras Negras. O chronista Fr. Bernardo de Brito diz — « São estes Santos patrões e defensores particulares da cidade de Lisboa, como naturaes della, e com milagres notaveis mostraram em muitas occasiões quanto a tinham á sua conta etc.

Custa-nos pois a explicar o empenho com que Fr. Agostinho de Santa Maria trabalha no 1.° tratado da Historia Tripartita em querer provar que os tres Santos irmãos nasceram em Roma se bem que padeceram martyrio na Lusitania; e isto com bem fracos fundamentos em nossa opinião, pois que todos se estribam em os nomes romanos dos Santos, e n'uma lenda manuscripta, em latim, e de auctor anonymo, circumstancia que só per si a torna suspeita, sendo vulgarissimos e numerosos os exemplos de similhantes apocriphos. Esse papel possuia-o o mosteiro das Commendadeiras de Santos, que tambem é da invocação dos mesmos Santos Martyres. — É verdade que Fr. Agostinho escreveu por segurança estas phrases: » — ainda assim porque se não diga que dou mais credito ao livro manuscripto que á opinião de tantos e tão graves auctores, e que sendo portuguez abraço a opinião de um só desprezando a de todos e privando a minha nação desta honra, deixo esta materia indecisa.

Cumpre notar de passagem que o cardeal Baronio diz, que os Santos lusitanos Verissimo, e seus irmãs Maxima e Julia padeceram martyrio no anno de Christo 303, com o que não concorda a inscripção da sepultura. Com o andar dos tempos e cessando as perseguições os christãos erigiram no local desta uma pequena ermida, que até na dominação dos mouros conservaram, sendo-lhes permittido celebrar ahi os officios divinos. El-rei D. Affonso Henriques depois da tomada de Lisboa erigiu Templo mais amplo, junto ao qual seu filho edificou em 1192 um convento para os freires da ordem militar de Santiago, no proprio sitio que veio occupar depois o palacio dos marquezes d'Abrantes. El-rei D. Affonso III mandou os freires para Alcacer do Sal, vindo para a habitação destes religiosas da mesma ordem de Santiago. Tendo D. João II mandado construir o novo mosteiro ao oriente da cidade, como já dissemos, e que por isso se chama mosteiro de *Santos o Novo*, para ahi se transferiram as religiosas em 1490 levando comsigo os corpos dos Santos Martyres. A antiga igreja ficou com o nome de *Santos o Velho* em rasão do primeiro convento; e se erigiu depois em paroquia, que o cardeal rei D. Henrique quando foi arcebispo de Lisboa desmembrou da freguezia dos Martyres em 1566, como consta da constituição do antigo arcebispado folhas 73. As casas contiguas foram vendidas pelas commendadeiras a D. Luiz de Lencastre pelo preço de dez mil cruzados.

Suicidio premeditado. — Terça-feira, 30 de Setembro, ás 11 horas da manhã, enforcou-se o Sr. João Alves Renda, dono d'uma fabrica de pão na rua de S. João da Praça.

Não consta ao certo quaes fossem os motivos que o levaram a praticar este acto de desesperação; ha com tudo rasão para suppor que fôra effeito de desarranjo mental, por quanto lhe foi encontrada uma carta do seu proprio punho, datada de 19 de Setembro, em que dizia: — «*que não criminassem ninguem, porque fôra elle que attentara contra os seus dias; e que desejava ser conduzido* a pau e corda *ao Hospital de S. José, a fim de se lhe fazer autopsia, para se conhecer a causa da sua morte!* »

Uma providencia sanitaria e de limpesa. — A Camara Municipal, para a conta da muitas obras de reconhecida utilidade publica a que em mandado proceder, deve tomar a providencia que reclamam os proprietarios e moradores da Carreira dos Cavallos, sitio para onde o Hospital de alienadosa estabelecido em Rilhafolles, faz o despejo das immundicies, á falta de cano real. Ouvimos áquelle-

habitantes e donos de predios que não remedeia inteiramente o mal a medida, adoptada pela camara, de mandar diariamente as carroças espalhar caliça e caldeal-a com as immundicies para as transportar; porquanto no acto da limpeza, e ainda depois, é tão insuportavel o fétido que grande parte dos moradores tem largado as casas; o que toda a gente póde observar, pois que os melhores predios, e que não são poucos, acham-se devoluto. Estando tão proximo o cano real (na rua da Inveja a tiro de bala da Carreira dos Cavallos) não ha duvida que a sua prolongação removeria aquelles prejuizos e incommodos. É pois uma obra de necessidade urgente.

Causa extraordinaria da perda de um navio. — O *Apollo*, formoso barco movido por vapor, que fazia carreira entre Rotterdam e Londres, perdeu-se no meado de Setembro, em o banco de Knoch, que demora não muito distante da entrada do Tamisa. Diz-se que fôra causado este sinistro por uma variação da bussola, que fez com que o capitão seguisse direcção differente da que presumia percorrer. O *Apollo* era de ferro: — nas construcções desta natureza acontece formar-se um polo magnetico em uma ou outra parte, conforme a posição que o navio occupou no estaleiro. A bussola em vez de obedecer ao magnetismo terrestre, que mantem a agulha na linha Norte — Sul, obedeceria á attracção especial do ferro do navio, se não fossem collocados compensadores tocados na pedra de cevar que destruam esta influencia. Porém, sendo estes compensadores, ou a força que combatem, sujeitos a soffrer algumas modificações que porventura não se percebam, a bussola segue a sua variação e engana o navegante que confia nas suas indicações, ordinariamente infalliveis. Tal parece ter sido a causa da perda do *Apollo* e de outros navios; porque produz-se o mesmo effeito, postoque em menor gráo, até nos navios de madeira, particularmente nas latitudes elevadas, em rasão da proximidade do polo magnetico da terra.

Nau Vasco da Gama. — Este bonito vaso da nossa decadente marinha sahiu do dique do Arsenal, onde esteve a concerto, no dia 27 do passado: antes das duas horas da tarde já fluctuava no meio do rio. A obra que se lhe fez é segura e bem acabada, e correu depressa. A nau *Vasco* de 80 peças, foi construida no Arsenal de Lisboa pelos constructores, Manuel Clemente de Barros e Joaquim Jesuino da Costa, e lançada ao mar em 2 de Setembro de 1841.

TYPOGRAPHIA

DA

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE,

RUA DOS FANQUEIROS, 82.

Esta Typographia acaba de prover-se de novos e variados typos, e continúa a encarregar-se de qualquer obra, seja livro, jornal, folhetos ou mappas; e se responsabilisa pela promptidão do que se lhe encarregar, no dia fixo que se prometter.

Os preços são regulados conforme a edição, mas sempre modicos.